

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, ind poudante, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Eiras.—Editor: José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Esposzendense—Esposzende

Assinatura: Anno, sem estalhões 10.500 esc.—Com esta upilha e para fóra 12.500 e c.—Brasil, (Moeda forte), 30.000 rs.—Colónias Portuguezas, 25.000 rs.—Numero atrasado 1.500.—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Esposzende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1.500 cent.—Anuncios particulares: linha 375 Cent. ou reclames, linha 350 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.—Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

S. João Baptista

E' tão grande, é tão bella
A noite de S. João,
Como o scintillar da 'strella
Nas aguas do Rio Jordão!

Por toda a parte prazer,
por toda a parte alegria!
Como tu és querido e ama-
do oh! Santo Bemdito! Eu
creio em ti porque os filhos
da minha terra te adoram.

Jesus Cristo a quem tu
baptizas-te nas aguas do Rio
Jordão, de sorte te quererá
mais do que os filhos da
minha terra querida, que em
todos os tempos te teem fes-
tejado com verdadeira fé e
devoção.

Velhos e novos todos te
offerecem hoje seus can-
tos!... todos te incensam
com o perfume do rosmani-
nho!... todos te contemplam
e te dirigem uma oração de
amor!

Sim, eu sei como os bons
filhos te adoram!

Eu tambem te adorei
ahi.

Inda hoje vejo em sonhos
Da minha infancia passada,
Os bellos dias risonhos
Da minha terra adorada.

Inda lembro com saudade
Dos tempos que já lá vão,
O folgar da mocidade
Nas noites de S. João.

F. C.

CAMIÕES

São preces, são orações
As estrofes de canções,
Que sublimou Portugal,
Como poezia sem façã
Imobilizou a raça
Na Biblia Nacional

Por amor de Catarina
A sua musa divina
—Cheia de engenho e de arte,
Do português o valor,
Desde a peleja ao amor,
Espalhou por toda a parte.

Esse grande portuguez
Que tanto pela Patria fez
Morreu pobre sem ceutil
Uma fortuna deixou:
Esta lingua que legou
A Portugal e ao Brasil.

ARMINDO EIRAS.



S. João Baptista

UM MARINHEIRO americano
mandou que lhe inscrevessem, por
meio de tatuagem, nas suas pró-
prias costas, o seu testamento.

O trabalho demorou cinco ho-
ras e foi reconhecido por um nota-
rio.

O testamento compreende 200
páginas.

UM CLUB desportivo de
Madrid anuncia a venda de
um afamado jogador, e pede
por êle cêrca de 90 con-
tós!

VIAGENS NO MINHO

Esposzende e Fão

(Continuação)

As vilas de Esposzende e Fão
bem mereciam esse beneficio
pelas suas belezas naturais e pela
iniciativa tradicional dos seus
habitantes. Braga, porém, que
não as auxilia, sente a paixão do
rio e do mar e esquece que tem
o rio e o mar tão perto! Pois
não é sua a Praia de Fão e o rio
Cávado ali em Palmeira?

O Cávado! Aproveite-se e
mostre-se no Vau do Bico! Pro-
clame-se as suas margens for-
mosissimas e as suas belas pon-
tes; a de Perozelo romana; a de
entre Esposzende e Fão, moder-
na; a do Bico mais antiga, onde
este rio se junta ao Homem.

A Ponte do Bico! Que belo
sitio para regatas nos dias de
festa da cidade!

Que encanto o Cávado! Tão
poético que nem lhe falta a len-
da de noutro tempo, rolarem
nas suas águas de esmeralda, ja-
cintos e ametistas sobre areias
douro!

Em toda a corrente, desde
Traz-es-Montes onde nasce
no lugar do Cabo até á foz, o
antigo Cabo é admiravel.

Na Barca do Lago, próxi-
mo a Esposzende, é emocionan-
te. Neste sitio, a luz tem uma
claridade tão intensa que deslum-
bra. E' uma luz que estremece
e vibra no ar; que ondeia na
água e penetra no rio até ao fun-
do, como em nós o sentimento
desta paisagem.

A alma ilumina-se por den-
tro; desoprime-se, dilata-se o
coração; e a vida de agitada que
é, fica correntia e serena como
êste rio na placidez dum lago.
A vista perdê-se; confundem-se
os olhos no que vêm; e a voz
embebe-se no ar até nos parecer
estranha como um eco.

Os meus companheiros fi-
caram silenciosos. Eu, só ouvia
os remos cantarem a canção em-
baladora da água que os sal-
gueiros e os amieiros das mar-
gens tambem escutavam pensa-
tivos.

Que doce encanto, vogar

num barco que nos leve do rio além do areal onde uma lavadeira desceu a dessedentar os bois!

Que delicioso prazer sentir a nossa alma mais alto que o arvoredo, acima do monte de Arnela, num moinho que já foi ermida e deu consolo, e agora dá o pão!

Que espiritualidade a destas coisas, longe da cidade, onde tudo é artificial; a etiqueta e a moda, o jardim, a gruta, a floresta, o lago!

Quem me dera a vida neste lugar, á beira do rio onde as tainhas saltam; ao pé destes bosques onde as aves, cantam; e correr num barquito para o mar e do mar para o rio; saltar do cais da Barca do Lago, e entrar na casa antiga que ali há; uma casa que eu sonho ás vezes, minha, isolada, poeticamente minha, entre trepadeiras de rosas!

Que encantadoras paisagens as de Espozende e Fão! Esta porém, que descrevo no decorrer da viagem, (que eu não quizera descrever, mas sempre admirar é extraordinariamente linda.

Deixei-a com viva saúde; e, se não foram os meus companheiros, não sei se lá teria ficado, esquecido na minha contemplação. Estes, chamaram-me para o automóvel que depois nos levou solavancados pelas ruas das aldeias onde M. Boaventura fez decorrer a acção dos seus primorosos «Contos do Minho».

Casas terreas de telha vã; milhinhos tenros; oliveiras em campos pampilhosos de amarelo e rôxo; muros velhos de carcomidas pedras gastas nos ângulos pelo tempo; eiras e espigueiros; alminhas e cruzeiros; latadas de hirtos pâmpanos verdes; telhados vermelhos de duas águas nos portais: as terras pobres mas saudáveis da boa gente minhota.

Numa volta da estrada sobre o patamar da escada da sua bela vivenda na Quinta da Seara, esperava-nos afável o Dr. Barros Lima que quiz honrar nos com um «Pôrto», ao saber da nossa passagem por ali.

Voltamos a Fão onde já tínhamos estado com menos demora. Esta vila não tem, nem mesmo a de Espozende, um bom hotel, um casino, campos de jogos, um restaurante, um parque. O que ali há admiravel por enquanto, é a natureza. Em Espozende, o estuario do Cávado, o rio no lugar da ponte, e o Monte de S. Lourenço aonde subimos por uma magnifica estrada nova, para ver a ermida e o panorama que de lá se descobre impressionante.

Em Fão é a praia e o mar dum claro azul como o de lâminas de aço sobrepostas extensa-

mente, agitadas em grandes reflexos, para deslumbrarem a vista e adormentarem o ouvido em leves sons metálicos.

Ao norte desta praia ficam os Cavalos que os romanos chamaram Promontório Avaro no tempo da sua dominação. Estes Cavalos são longos penhascos a que o nosso povo assim chamou pela configuração com estes animais. A sua disposição natural de norte a sul, e a profundidade entre eles e a costa, dão a este lugar privilegiado, as condições de um belo porto de abrigo e de comercio.

Todos os tecnicos concordam na excelencia deste porto que, aproveitado, seria refugio aos navios e vapores de grande lote que não pudessem aportar a Leixões, em dias de tempestade.

A vila, com o seu porto aberto ao comércio do Minho e de Trás-os-Montes, seria a mais prospera e florescente do norte.

Assim como está, não é notavel. Tem no entanto a sua historia, uma das mais antigas do país. Foi fundada na era remota de 984 antes de Cristo, e o seu nome deriva de Fanum, lugar consagrado á divindade Fana que os antigos consultavam sobre o futuro. Tendo sido cidade importante no tempo dos romanos com o nome de Fam, é hoje Fão uma vila modesta de que apenas se admira o porto.

Foi neste pôrto que as legiões romanas demandaram Braga, estabelecendo com esta cidade o seu comercio.

Se as províncias do Minho e de Trás-os-Montes continuassem a aproveitar Fão, adaptando o porto ás condições modernas da navegação, a vila não teria perdido o seu antigo esplendor. Assim, coube só maior desenvolvimento á cidade do Porto, originado na sua situação seu comercio de vinhos do Douro e, principalmente, na construção do porto de Leixões que, apesar da espessura e profundidade dos molhes, o mar não consente. Ainda ha pouco tempo, isto ficou comprovado em sucessivos rontbos, de entre os quais um formidavel em Fevereiro deste ano.

Talvez, sem prejuizo sensivel para a grande cidade do norte, o pôrto de Fão pudesse servir as duas províncias do Minho e Trás-os-Montes.

Gastam-se quantias fabulosas em Leixões, e bastava apenas uma centessima parte para o porto dos Cavalos.

(Continua)

Queres ser bem servido ?

Vai ao estabelecimento do Antonio Laranjeira na rua Barão d'Espozende

Fragmentos de literatura

O meu amigo Rogério.

Eu descia, vagarosamente a Avenida!

Potentes lampadas inundavam-na com jorros de luz, imprimindo reflexos doirados na casca do asfalto, humido da neblina, que envolvia a cidade.

Uma multidão heterogenea seguia as mais diversas direcções:

Pautando-a em todos os sentidos, riscava trajetorias extravagantes, pondo uma nota buliçosa, um tique de impaciencia, que eu, com o meu passo pausado, parecia querer profanar.

Nas duas margens desta Avenida, estavam instalados os «bars», cinemas, teatros, clubes de Aviação e Automobilismo, o que concorria, áquela hora da noite—vinte e uma—para o movimento nervoso, fremente da população citadina.

Misturado com o brou-haha dos transeuntes o businar dos automoveis, o telintir dos carros electricos, os harpejos saltitantes dos «Jazz-bands» dos cafés—concertos, destacava-se a voz rufenha e aumentada dos autofalantes que transmitiam as noticias da última-hora a um grupo curioso e traziam aos ouvidos uma amostra das características seculo-vintescas.

E a salpicar estas sensações lá estavam as luzes pestanejantes dos anuncios luminosos, gritando aos nossos olhos os maravilhosos efeitos de certos medicamentos; a roustez que ofereciam alguns produtos alimenticios; o conforto e segurança da mais moderna marca de automoveis...

Havia de tudo: escovas de dentes, caixas de graxa, meias, chapéus, artigos de beleza, annunciados num nervosismo historico que contagiava e irritava.

Eu, no entanto, indiferente a tudo e a todos, seguia sem rumo certo á procura da distração que o meu cançado espirito exigia.

De repente sinto-me detido pelo ombro esquerdo... Olho desconfiado e logo a minha boca se escancarou numa exclamação de algria: Era um antigo condiscipulo, o Rogerio, um dos meus melhores amigos, que ha muito tempo não via.

(Continua)

A. F.

S. Roque

Realisou-se como aqui noticiamos a festividade a este milagroso Santo que se venera na sua capelinha no lugar de Goios, freguezia das Marinhas, com muito luzimento.

Os vinhos

O artigo 19 da lei 1890 de 23 de março de 1935, diz o seguinte:

«É prohibido o lançamento de qualquer impostos sobre vinhos destinados ao consumo publico pelas Camaras municipais que na data da vigencia desta lei os não estejam cobrando.

—§ 1.º—Os impostos Camararios sobre vinhos serão revistos no praso de 120 dias e não poderão ser mantidos a partir de 1 de Julho de 1935, com taxas superiores á fixada pelo Governo, nem cobrados como impostos de barreira á entrada dos concelhos ou locais de consumo, salvo na cidade do Porto, enquanto subsistir o atual regimen

—§ 2.º—A conservação dos referidos impostos, nos termos do paragrafo anterior poderá ser autorizado pelo Ministro do Interior, sôbre parecer favoravel dos Ministros das Finanças, do Comercio e Industria, e da Agricultura.

Res non verba...

A Camara tem, nestes ultimos tempos, desenvolvido uma actividade intensa em melhoramentos vantajosos e espera, coadjuvada pelo Estado Novo, concluir todas as obras iniciadas. A sua acção tem-se dilatado a todos os pontos que era preciso atender. Em Fão foi devidamente reparado o edificio escolar, fez-se o calcetamento da rua da Areosa e trabalha-se na estrada, que liga a povoação á praia. Procedeu-se ao empedramento, em toda a extensão, da estrada que na Apulia vai do centro á beira mar. Rasgou-se a íngreme estrada que de Goios se dirige ao monte de S. Lourenço, que—podemos dizer—foi delineada em hora feliz, pois conduz-nos a um ponto de maravilha, que nos dislumbra pelos seus belos horizontes.

Quasi concluida está também, a estrada de Antas.

Levou-se a energia electrica á maior parte das aldeias e dentro em pouco, depois de terminados os trabalhos de estudo para electrificação a que o tecnico Senhor Margarido Ferreira procede, quasi todo o concelho poderá gosar desse grande beneficio. Na séde, fez-se parte do desaterro da doca ao norte do Posto de Socorros a Naufragos, onde em missão de estudo estiveram, há poucos dias, os engenheiros da Divisão Hidraulica do Douro. A Avenida á beirario, essa obra importante, que todo o publico elogia, foi durante muito tempo o pão de muitos

operários, a vida de muitas vidas. Já estão ultimados os estudos para reparação dos paredões da barra ao norte do Salva-Vidas e espera-se que dentro em pouco essas obras serão dotadas, bem como os serviços para completa desobstrução da doca.

Felizes sinais dos tempos, em que o presente nos faz crer num progressivo futuro deste rincão florido.

Corpus-Christi

Tiveram lugar na 3.ª, 4.ª e 5.ª feira as imponentes festas de Corpus-Christi, que revestiram muito brilho e imponencia.

A procissão foi o que ha de mais grandioso até hoje aqui realiado.

Aos iniciadores destas solemnidades os nossos parabens.

Ponte metalica

Ha algumas semanas que varios artistas andam reparando estragos produzidos pela ferrugem na ponte metalica de Fao, pintando-a ao mesmo tempo.

CONSTRUÇÕES NAVAES

Lançamento á água

Na ultima 3.ª feira foi lançada á agua a traineira a vapor «Senhora de Fatima», construída debaixo da direcção do sr. Francisco Ferreira e destinada á praça do Porto.

O seu deslize para a água correu bem.

Zepelim

Na ultima semana passou sobre esta vila com direcção ao norte a grandiosa aeronave Conde Zepelim, que, segundo lemos, sobrevoou sobre a cidade de Lisboa por ocasião das festas ali realizadas.

Caso grave

O correspondente desta vila para o nosso presado colega de Braga, «Correio do Minho», de quarta feira, 19 do corrente, com data de 14, relata o seguinte caso que passamos a transcrever e para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

«Devido ás insistentes averiguações e activas diligencias do administrador do concelho, Sr. Dr. Manuel Arantes, foi descoberto nesta vila um caso grave em que uma criança iludida pelas meiguices de alguém ia levando da casa de seus pais objectos de valor que entregava em troca de coisas sem importancia.

«Não podemos deixar de louvar as investigações imediatas que a autoridade administrativa, ao ter conhecimento do caso effectuou. Felicitamos por isso o muito digno administrador do concelho e esperamos que o castigo para quem assim tão criminosamente procede não se faça esperar.

«Numa época como a presente e num meio civilizado como este, pessoas que vigarizam innocentes devem ser banidas do meio social porque a sua presença é funesta.»

Diz mais e na mesma correspondencia:

«AVERIGUAÇÕES»

«Segundo nos informaram tambem se está a efectuar outra diligencia policial de grande importancia

«Bom é, que assim se vão banindo os elementos perigosos que andam a enfamar o meio social.

Esposende tem como administrador do concelho um novo

cheio de talento, que não olhando a sacrificio, procura bem servir e dar a esta terra aquele bem-estar de que ella necessitava.

«Felicitamos pois o Snr. Dr. Arantes pela actividade que tem desenvolvido e pela maneira intelligente como vem desempenhando o alto cargo que o Estado Novo lhe confiou.»

Somos da mesma opinião do illustre correspondente e tomamos como nossas as sinceras palavras referentes á illustre autoridade que está á frente da nossa administração a quem felicitamos por tal motivo.

«O Espozendense»

Deixou de ter publicidade o numero do ultimo sabado pela ausencia do seu director desta vila, pedindo desculpa desta falta aos nossos amaveis assinantes.



Agradecimento

Manuel José Pimenta Dias e familia, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam os funerais ao cemiterio desta vila sua sogra, Maria das Dores Moreira, casada, natural desta vila e o confortaram com palavras de enternecido reconhecimento por esse momento, protestando a todos a sua eterna e reconhecida gratidão.

Esposende, 5 de Junho de 1935.



Arthur Boaventura Rego
ESPOZENDE

Alfaiataria Miranda

Acaba de chegar a este atelier uma grande remessa de fazendas, lindos padrões, para factos de homem, e creanças, bem como um variado sortido de fazendas proprias para vestidos de senhora, o que ha de mais moderno e que foram escolhidas a capricho para realce do bem vestir, cujos preços pode rivalisar com os maiores centros das moda, tanto no gosto, como no comudismo do seu custo.

Visitar este atelier, é não hesitar em ser bem servido, tanto na qualidade das fazendas como no esmero da confeção que prima e tem dado provas de que o freguez ali é bem servido em todo o sentido.

Experimentem e verão a verdade desta afirmativa.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio que em outro lugar damos inserção deste atelier.

Comunica-nos o snr. Miranda:

Depois da grande remodelação porque fez passar a sua casa, pede a todos os seus presados fregueses, amigos e publico em geral o favor de uma visita as montras do seu modelar estabelecimento para terem occasião de ver a grandiosidade dos seus artigos e modicidade dos seus preços.

«Diario de Noticias,,

O melhor jornal do paiz.

Vende-se na sua Agencia nesta vila.

—CASA HAVANEZA—

Queres bons perfumes ?
Vai á HAVANEZA

Porto d'Abrigo em Espozende

Entrevista do «ESPOZENDENSE» com o illustre oficial de Marinha sr. Justino Herz.

A superioridade e vantagem deste porto: excelente situação geographica, falta de açoreamento e invencível resistencia. Profundidade e extensão. Superioridade sobre Leixões. A sua construção.

Cinco horas da tarde. Numa hora irreprimitavel curiosidade, n'uma ancía de buscar a confirmação ao glorioso esforço da nossa propaganda lá iam na boa camaradagem dos nossos illustres colegas do «Diario de Noticias» e do «Século» Há tempos, desde o verão, que nesta praia se encontrava o distincto oficial de marinha, sr. Justino Herz, ora só, ora em companhia d'outros illustres membros d'aquella briosa corporação.

A AGUA DE GRICHÕES É
Cicatrisante!!!
Uso externo
Coloque sobre borbulhas, feridas, inflamações, incisões na pele, uma compressa de algodão embebida em agua de Grichões e verificará pouco depois que os efeitos benéficos da sua acção cicatrisante SÃO UM FACTO!!!
Uso interno
A Agua de Grichões saneia o organismo de toxinas que o enfraquecem e o deprimem.
Facto que se traduz numa apreciavel melhoria do estado geral, consequentemente de todos os seus orgãos: estomago, figado, intestinos e rins.
Nas afeções pulmonares e bronquites os seus efeitos são interessantissimos.
Usadas nos principais sanatorios do Pais.
Usadas por médicos e dos mais distintos.
Centenas e centenas de pessoas usam as aguas de Grichões com extraordinario exito!!!
BASTA EXPERIMENTAR UMA VEZ!!!
Depositarios no Sul do Pais: Silva Leal, Limitada, Rua dos Fanqueiros, 65 1.º, Tel. 2.6363.—Sede da Soc. de Grichões, R. Alegria, 779, Porto, Tel. 1356.—Braga Farmacia Paiva,
EM FAO—FARMACIA PIRES

Laurenço Leitão
Partiu ha dias para Caldelas este nosso velho amigo, proprietario da pensão do «Arço», desta vila.

Alfaiataria Miranda
LARGO DR. FONSEGA LIMA—ESPOZENDE
Tendo feito passar esta casa por uma grande transformação, e desenvolvendo assim o seu sortido em casimiras para fatos e sobretudos de homem; casacos e vestidos para senhora, confecciona a preços sem competencia toda e qualquer obra.
Tambem, e ao alcance de todas as bolsas, acaba de pôr á venda fatos a vestir, desde 120 ESCUDOS.
GRANDES NOVIDADES
ULTIMA MODA

S. Ex.^a fazendo parte da missão encarregada dos estudos hydrographicos da costa norte de Portugal, tinha a incumbencia especial de dedicar-se muito designadamente ao cuidadoso exame e observação dos «Cavalos de Fão».

A nossa propaganda tenaz e continua, produzia já estes optimos fructos junto do Ministerio da Marinha. Por isso era que n'essa tarde de asperrimo dezembro, ao lento reclinar do sol n'um coxim todo de nuvens de ouro e púrpura, lá iam os entrevistar no Hotel Vilarinho, o illustre primeiro tenente de marinha, sobre as impressões e conhecimentos que tal estudo lhe deixára.

Ninguém, pois, mais proficiente do que ele para elucidar tão momentoso assumpto. Aliando uma robusta intelligencia e competencia tecnica, á mais ordenada e pertinaz vontade de trabalho, o que ele sobre tal questão dissesse, assumiria o alto valor duma abalizada opinião e dum criterioso julgamento num pleito para alguns septicos ainda a derimir.

Fomos encontrá-lo junto da larga prancheta em que se desenrolava a planta do trecho do littoral compreendido entre Marinhas e a Apulia, de que por concessão especial publicamos juntamente um elucidativo extracto.

Como préviamente lhe tínhamos feito constar a grande vontade de o ouvir, após a nossa apresentação abordamos logo o assumpto que ali animadamente nos trouxera.

A primeira pergunta feita, sobre a excellencia e superioridade dos molhes dos «Cavalos» para a construção d'um porto, S. Ex.^a com uma convicção manifesta nos diz: «Mas são optimos esses rochedos para servirem de base a um amplo porto de abrigo. A sua extensão conforme se vê nesta, não é diminuta, nem desproporcional; e ligando a *Queixada aos Moinhos* estava completa o um indelevel paredão com extensão de 1.200 metros que por si só transformaria os «Cavalos» n'um magnifico porto».

—«Mas a situação d'elles em relação á costa iamos a atalhar...»

—«Oh! essa é até uma das mais admiráveis disposições que a Natureza deu a essa restinga de rochedos para ser um porto d'abrigo. A sua situação na linha sudoeste precisamente d'onde surgem as mais violentas tempestades d'este ponto da costa, é a que por força mais vantajosa pode ser para o abrigo dos navios açoitados pelo mau tempo».

—«Além d'isso, iamos nós avançando, a sua boa situação sob um ponto de vista em que nós, os *leigos* alguma coisa pudemos dizer, ha-de provir tambem do facto de se encontrar entre os dois grandes e distanciadíssimos portos de Lisboa e Vigo, não é verdade?»

—«Sim este pormenor tambem influe na necessidade que há da construção do porto nesta parte do litoral. E porto de abrigo de tal ordem que com as duas magnificas comunicações com que ficavam ao norte e ao sul qualquer barco com todo o tempo o poderia demandar».

—«V. Ex.^a conhece decerto um projecto que foi publicado, com o alvitre da deslocação da foz do Rio Cavado em direcção ao porto dos Cavalos; haveria nisso vantagens?»

—«Não; desvantagem é que desse facto surgiria, pois passava esse porto a correr o risco de ser assorido pelas areias que a corrente das marés trouxesse; risco porém, que o porto assim como está não corre, nem virá a correr desde que não faça mais do que ligar os rochedos da *Queixada, Cavalos, e Moinhos*. O agraamento é o grande perigo a evitar. Leixões lucha desgraçadamente com elle em virtude do grande fluxo e, refluxo das marés que o invade; ao passo que nos *Cavalos* não ha por que ter esse recelo.

—«E esse porto que se construísse poderia com a solidez dos seus alicerces?»

—«Pois não! A atesta-lo basta ver a enormidade de anos e a impossibilidade com que esses rochedos estão fazendo frente ás furias do mar. E o paredão sobre elles construído, sem uma solução de continuidade a enfraquecer-lhe o apoio, precisamente ao contrario do que presume acontecer com os molhes de Leixões seria um dique sem rival ás ameaças do Oceano, como já hoje o é na baixa-mar.»

—«Então na maré alta os rochedos são por completo submergidos?» opozemos nós.

—«Não bem ao contrario; a *Queixada*, os *Cavalos* e os *Moinhos* não deixam nunca de ostentar a descoberto as suas cristas eriçadas, apesar do mar mais alto.

E' certo que a sua maior porção nas marés vivas fica coberta quasi totalmente, sem que isso seja menosprezo por esse gigantesco dique tão sabiamente construído.

Olhem, por exemplo, a *Queixada*: aqui posta como guarda avançada na titanica luta contra as ondas, é digno de ver-se o vasto quebramar com que ainda ficaria depois de se construir o paredão no seu bordo interno. Alem de que essa potente resistencia que bem é precisa pela larga exposição desse rochedo ao sul, poderia ainda ser arescida com grandes blocos arremessados a granel na face externa.»

—«De forma que», concluímos nós, «paredão em parte já feito, alicerces em parte lançados, já tem o porto dos *Cavalos*. Terá ele, porém, a profundidade equivalente á riqueza que nos restantes elementos naturaes possui?»

—«Não tem uma profundidade demaziada, mas a que basta para os navios que poderão demandar esse porto; regula ella em média por uns 10 metros, sendo constituído o fundo da ampla bacia por pedra e areia entre os *Cavalos* e a *Cernelha* e só areia entre esta e a praia. Os pescadores da região e entre elles os que me tem transportado diariamente ao porto dos *Cavalos*, dizem-me que as *poças*, as ancoras dos seus barcos, sempre ali encontram firmeza.»

—«E é verdade notar-se sempre uma certa bonança dentro dos limites dos «Cavalos» embora haja mau tempo?»

—«Realmente os maritimos afirmam isso; mas tenho notado que com os temporaes de sudoeste, o que não é para extranhar a placidez desta bahia agita-se, as ondas galgam as agudas escarpas dos rochedos, mal que desapareceria por completo alterando-se um pouco todo esse rudimentar paredão.»

—«Por todas estas razões andaremos longe da verdade quando afirmamos a superioridade dos «Cavalos» a Leixões?»

—«Não; não exprimem mais do que a verdade.

Não faço ideia do que seriam os baixios de Leixões antes de se construirem os molhes que hoje ali vemos, senão pela descrição que deles ouço. Mas isso leva-me a afirmar a sua indiscutivel inferioridade aos *Cavalos*. Actualmente concluído-se aqui o paredão, os *Cavalos* teriam a superioridade de possuírem duas amplas entradas; ao passo que Leixões apenas uma possui, e essa as vezes só praticavel com bom tempo.

Além d'isso é sobrejuncto conhecida a falta de segurança e abrigo que Leixões oferece.

Não exagero, pois, dizendo que há uma grande vantagem, mesmo uma certa necessidade em adaptar os «Cavalos de Fão» a um excelente porto de abrigo. Bem preciso é na nossa costa. Sena ele o refugio de tantos barcos de pesca, d'esses numerosos navios de

cabotagem por vezes açoitados ineluctavelmente pelas traicões dos vendavais.»

—«E poderiam abrigar-se muitos barcos—navios ou vapores n'esse porto dos «Cavalos»?»

—«Não digo que lá coubessem todas as esquadras da Europa, como pitoresca e entusiasmamente exclamou alguém; a bacia do porto não seria mesmo d'uma tão larga extensão que d'esse guarida a grandes flotilhas.

No entanto seria duma largura regular e sufficiente, como pela propria planta se vê, em relação ao movimento e numero de navios que fazem navegação pela nossa costa.»

E quando se pensa que muitas vezes os temporaes de sudoeste lhes fecham todos os portos d'esta região, resalta bem nitida a necessidade de um posto d'abrigo nos *Cavalos*. E' uma obra necessaria, mesmo em nome dos principios humanitarios, em nome de protecção que a laboriosa classe piscatoria merece no meio das desgraças com que luctam.»

—«Mas... ha sempre o *mas*, fatal, a rebentar como uma bomba—a conclusão deste porto ficaria muito dispendiosa?»

—«Olhem, a isso não posso responder com verdadeiro conhecimento visto não ser engenheiro; mas atendendo á obra aqui a realisar, que se limita a completar o que já está indicado e quasi feito, deve gastar-se bem pouco em relação com o que tem sido gasto em Leixões.»

E' certo que é preciso construir-se bem, para que não haja depois o risco das derrocadas, e a tudo isso convém atender n'uma obra que se deve fazer para durar, e não para remediar.

E os *Cavalos de Fão* assim aproveitados, como devem ser, e do que são dignos, virão a construir-se talvez em breve espaço de tempo um excelente porto d'abrigo nacional.

Estavam terminadas as nossas perguntas, e com as elucidativas e firmes respostas do nosso illustre entrevistado, satisfeita a nossa curiosidade, confirmadas as palavras que desde o principio d'esta campanha temos vindo dedicando em prol da justiça e do direito dos *Cavalos de Fão*.

O depoimento insuspeito e documentado dum tão distincto conhecedor deste porto, vem assim publicamente enfileirar-se ao lado do igualmente abalizado parecer do illustre officia da armada, sr. Almeida Lima.

A onda cresce, e a razão acabará por triunfar. A indiferença publica posterga-la pouco a pouco a golpes de clareza e de verdade, vae dando lugar á importancia do assumpto na economia e nos interesses nacionais. E por isso foi que por aquela tarde de inverno em que acabamos de ouvir a voz insinuante e persuasiva do illustre 1.^o tenente da armada mais nos sentimos encorajados para continuar a propaganda ha um ano aqui encetada neste modesto prelo primitivo e rude, como rude e sincera a pena que a faz gemer.

Nisto tudo pensáramos ao despedirmo-nos do sr. Justino Herz, reconhecidos pela forma gentil e fidalga com que por ele fomos tratados.

E ao sairmos para a rua, avistando ali, junto á costa, num irrisado clarão de luz e de oiro, o magestoso ocaso do sol, niubando n'uma brilhante apoltença as glaucas sinuosidades dos *Cavalos* tivemos a visão fugaz e estonteante do triumpho proximo da nossa causa, da causa nacional, que é a construção d'um porto d'abrigo nos «Cavalos de Fão», junto a Espozende

Dezembro de 1913